



ARTES VISUAIS E MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PLANEJAMENTO

Gabriella Goles Furda¹

Adriana Rodrigues Suarez²

Rossana Stori Moletta³

RESUMO

Este artigo apresenta a importância do planejamento para o melhor resultado na prática docente. Através da oficina “Artes Visuais e Música”, aplicada em diferentes turmas de 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Estadual Espírito Santo, na cidade de Ponta Grossa (Paraná). Esta ação é resultado da participação de acadêmicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A oficina foi baseada no Movimento Abstrato e no artista Wassily Kandinsky. Foram utilizados materiais desenvolvidos pelos acadêmicos para auxiliá-los no desenvolvimento da oficina. Os autores Paulo Freire (1987), Jaime Cordeiro (2019), Ana Mae Barbosa (2007) e Isabel Maria Sabino de Farias (2011), contribuíram para as discussões realizadas a partir da comparação dos resultados expressos nas atividades dos alunos. Ao analisarmos os diferentes trabalhos, levando em consideração a flexibilidade e necessidade de adaptação da oficina ministrada para cada turma, concluímos como já esperado, a necessidade de uma articulação planejada e intencional, que além de expositiva envolva e transponha o aluno para seu contexto, tornando assim, a Arte Educação mais significativa.

Palavras-chave: Arte, Música, PIBID, Planejamento.

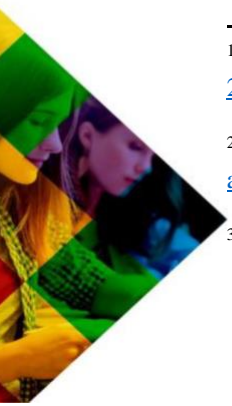
INTRODUÇÃO

A intensa comunicação entre os diferentes meios, inclusive artísticos, é evidente. Na escola, essa relação é fundamental e deve ser explorada, seja pelo caráter interdisciplinar da arte ou pela necessidade de ampliar seu alcance social e cultural, assim

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, 22000487@uepg.br

² Professora orientadora: Pós-doutorado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, arsuarez@uepg.br.

³ Professora Supervisora Rossana Stori Moletta, Especialização em Arte Educação – ESA, sanastori@gmail.com



como exemplifica Freire (1987, p.52): “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ação cultural para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles.”

A partir da participação dos acadêmicos de Licenciatura em Artes Visuais no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, vinculado a CAPES e o desenvolvimento de oficinas nas escolas designadas a cada grupo estabelecido, a intervenção dos acadêmicos (pibidianos) em sala de aula apresentou interessantes discussões. Este trabalho discorre em congruência com a oficina “Artes Visuais e Música”, ministrada pelos mesmos com orientação da professora supervisora e aprovação da professora coordenadora do Projeto.

Dessa forma, a partir do planejamento, definido como “ato; uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito a seus fins, meios, formas e conteúdo.” (FARIAS, 2008, p. 106-107), a oficina foi desenvolvida.

Como objetivo estabelecido, as turmas dos 9º anos A, B e C, após um conjunto de duas aulas de 45 minutos, que abrangeram contextualização teórica sobre o Abstracionismo, artistas marcantes do movimento, definição de música, sinestesia e prática – foram orientados a desenhar em uma folha A4 com lápis grafite e colorido conforme seus sentidos, ouvindo a seleção de músicas instrumentais organizada pelos acadêmicos regentes.

Embasada na Sinestesia, conceito definido como o cruzamento instantâneo e involuntário dos sentidos e no Abstracionismo, a proposta buscava aguçar a percepção e provocar novas perspectivas em relação às Artes Visuais e a Música, diante da exploração de diferentes artistas como Wassily Kandinsky e Jack Coulter, os quais expressam através da combinação de meios, sua Arte. Segundo Folio,

Kandinsky estava muito interessado também numa analogia musical, algo que já tinha antecedentes muito anteriores: os artistas frequentemente compararam a pintura e a música, afirmando o óbvio, que a música em grande parte, não possui função representativa, porém isso não significa que careça de significado; ao contrário, a música transmite um tipo diferente de significado. Por que a pintura não poderia ser uma espécie de música visual, em vez da poesia visual da arte romântica, por exemplo? (ALMARZA, 2008, p. 50-51)

Utilizando como parte estruturante da oficina e material didático, os acadêmicos usufruíram de um trabalho desenvolvido anteriormente nas aulas de Introdução às Artes Visuais, realizado no primeiro ano letivo da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Intitulado “A Melodia do Sentimento Pintado” , que participou da exposição “

Sentimentos à flor da pele” na própria universidade. O mesmo fez a união entre Artes Visuais e a Música, uma vez que contava com uma composição original “The Path of Feelings” de um dos acadêmicos e quatro obras relacionadas desenvolvidas pelas acadêmicas participantes.

Aliado com o movimento e os artistas citados anteriormente, o planejamento e a proposta de oficina foram efetuados. Entretanto, necessitou de alterações inesperadas.

Farias (2008, p. 108) esclarece que:

Um dos traços delineadores do planejamento é a flexibilidade, que diz respeito a uma postura aberta às correções, à avaliação, e ao replanejamento do percurso. É importante frisar que, de forma alguma, podemos entendê-la como acaso ou imprevisto. Trata-se de uma postura que concebe os planos e as decisões já tomadas como guias, referenciais, faróis, nunca camisa-de-força que imobilize a revisão de valores e práticas.

Em uma das primeiras aulas organizadas para a explicação e orientação teórica, uma palestra da Patrulha Escolar foi apresentada, fazendo com que as turmas de 9º anos B e C, ficassem em defasagem em relação as outras, demandando outra aula na semana seguinte para reposição do conteúdo abordado.

Não obstante, na semana seguinte, já replanejada para a articulação teórica com as turmas B e C, e continuidade prática com a turma A, uma acadêmica participante teve um imprevisto e se atrasou. O impacto disso na aula foi um corte de explicação sobre o Abstracionismo e suas características, dado que a acadêmica era responsável por abordar tal tema com propriedade. Logo, utilizando da flexibilidade do planejamento, em conjunto com a professora supervisora, os acadêmicos presentes decidiram ministrar a aula e dar início a proposta de atividade.

Os resultados advindos se mostraram nas produções dos alunos. A turma do 9º ano A, que teve de anteriormente a contextualização sobre o Abstracionismo, conseguiram em seus trabalhos demonstrar maior liberdade em seus traços, abstraindo não somente no sentido naturalista – fiel a realidade, mas também em relação às cores e formas. Já as turmas de 9º anos B e C, produziram na *literalidade*. Ao escutarem as músicas, que foram classificadas pelos alunos como tristes e calmas/tranquilas e iniciar a proposta, encontraram certa resistência ao representar, uma vez que ao unirem suas emoções à expressão, automaticamente as relacionavam com o real palpável/ literal, demonstrando

que a ordem estabelecida no planejamento e as escolhas didáticas dos acadêmicos estabeleceram influência no entendimento e, posteriormente na realização da atividade.

Ao relacionar o abordado anteriormente com a Proposta Triangular da professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, Silva e Souza (2017, p.223) analisam:

Por já não ser considerada uma metodologia e sim uma Abordagem complexa, que é composta por sua essência, temas e procedimentos, a Abordagem Triangular do Ensino das Artes Visuais se apresenta como orientação sistematizada por meio das ações decorrentes do Ler-Fazer-Contextualizar. A partir desta orientação sistematizada o educador/ professor desenvolve seu método, respeitando o encaixe das relações educador-educando-espaco educativo-comunidade, objetivando serem essas relações mais horizontalizadas, buscando coerência ao contexto e ao conteúdo que pretende abordar.

Portanto, ao implementar a triangulação dos elementos anteriores, em sentido de demonstrar a articulação entre os elementos de apreciação, contextualização e prática, aliada a ao planejamento e adaptação, observamos não apenas a dimensão cognitiva da relação pedagógica, mas também, a pessoal, na qual “a finalidade desse processo está posta em grande medida, *fora* do sujeito que quer aprender e também do sujeito que ensina embora a apreensão exija procedimentos cognitivos que obriguem constantes retornos à autorreflexão.” (CORDEIRO, 2019, p.103)

METODOLOGIA

A partir da observação e atuação dentro de sala de aula, este trabalho conta com uma pesquisa descritiva e análise comparativa entre os resultados obtidos em sala de aula pós atividade.

Ademais, revisão e articulação bibliográfica de autores influentes da educação brasileira e fontes secundárias foram utilizadas como ferramentas tanto de maneira anterior, no planejamento da oficina/ aula, quanto posterior, com o estabelecimento de paralelos entre teoria e prática.

Além disso, a coleta das atividades, com permissão da professora supervisora, a coordenadora e a escola em que a oficina foi realizada, permitiu que tais materiais se tornassem objeto de estudo. Logo, por meio dos métodos citados acima, o caráter qualitativo é destacado, tendo em vista que utilizamos da investigação de características formais e subjetivas da Arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula ministrada nas turmas de 9º anos A, B e C desencadearam diferentes apontamentos devido a diferentes aplicações do conteúdo. As discrepâncias demonstram como linearidade ou então, a descontinuidade do planejamento pode gerar resultados diferentes do previsto.

Sem determinar o resultado previamente esperado como correto e o oposto como errôneo, a comparação gerada a partir da análise e leitura de imagem dos trabalhos realizados pelos alunos, apresenta interessantes pontos.

A turma do 9º ano A, abstraiu de maneira expressiva e marcante, utilizando dos traços, das formas e das cores, como o orientado no planejamento inicial. Além disso, percebemos semelhança na utilização de cores, demonstrando que ao ouvir e desenhar, os alunos sentiram a necessidade de aplicar cores em seu trabalho para sua expressão total como apresentam, a figura 01 e a figura 02.

Figura 1 –Atividade Artes Visuais e Música (2023)



Fonte: Acervo da autora

Figura 2 – Atividade Artes Visuais e Música (2023)



Fonte: Acervo da autora

Em contraste, nas obras das turmas de 9º anos B e C, mesmo que utilizando de suas emoções, recorreram a simbologias mais realistas, no sentido naturalista de representação. As cores mais frias e a escolha do grafite aparente, mesmo em turmas separadas, refletem a interpretação e a percepção dos mesmos sobre sua própria sinestesia. As alunas do 9º ano A, apresentaram similaridades com os alunos do 9º ano B, tanto na questão de temas (bailarinas e lágrimas) como nas cores, o que se deve, provavelmente, à lacuna de conteúdos que foi completada de maneira posterior a atividade.

Figura 3 – Atividade Artes Visuais e Música



Fonte: Acervo da autora

Figura 4– Atividade Artes Visuais e Música



Fonte: Acervo da autora



Figura 5– Atividade Artes Visuais e Música



Fonte: Acervo da autora

Figura 6 – Atividade Artes Visuais e Música



Como exemplifica Ana Mae Barbosa (2007, p.24):

É no campo das artes que o processo da experiência significativa se torna mais evidente para ser o cognoscente. Nas artes, se revela pela observação, percepção e verificação direta quando a experiência possui uma unidade.

Logo, observamos que a apesar da discordância entre os trabalhos, a oficina, mesmo que aplicada de acordo com a sua flexibilidade inerente, atingiu seu objetivo. A Sinestesia e o Abstracionismo apresentaram-se nas atividades, de maneira subjetiva, cumprindo assim, sua tarefa ao trazer novos jeitos de interpretações aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a Arte como uma ferramenta de expressão significativa é capaz de encadear diferentes conteúdos e temas, com isso se torna necessário aliar e salientar a intencionalidade dentro e fora da sala de aula. Logo, cabe ao educador (a), juntamente com o planejamento, adaptar-se e tornar o processo pedagógico de aprendizagem o mais atraente possível.

Ademais, é virtuosa a compreensão que a maleabilidade é parte estruturante do planejamento e que inevitavelmente, a adaptação será necessária, transformando resultados e organizações. O planejamento estabelecido como ideal nem sempre é possível e muito menos corresponde ao potencial de aprendizagem real, tendo em vista que a aula e a aprendizagem não ocorrem apenas nas condições ideais pré-estabelecidas, mas também na espontaneidade guiada.

Portanto, reconhecer e administrar as expectativas e os resultados obtidos em sala de aula torna-se fundamental para validar diferentes experiências e enxergar as possibilidades subjetivas de expressão de uma aula de artes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. T. B. **Tópicosutópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORDEIRO, J. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 29. ed. Rio De Janerio: Paz E Terra, 1987.

MARIA, I. et al. **Didáctica e docência : aprendendo a profissão**. Brasília: Liver Libro, 2011.

RIZZI, M. C. S. L; SILVA, M. **Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo**. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 220-230, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 27 ago. 23.

SANCHES, J. L; ALMARZA, M. **História da Arte: do simbolismo ao surrealismo**. Espanha: Ediciones Folio, 2008.